

IMAGENS BESTIAIS: HILDA HILST E O MEDO NO MITO DE PERSÉFONE

Ma. Karyne Pimenta de Moura Costa¹ (SME/PMU - ILEEL/UFU)
karynepdm@yahoo.com.br

RESUMO: As narrativas de medo circundam o imaginário mítico, revivificado na contemporaneidade pelas artes em geral. A literatura recorre aos mitos para engendrar o homem em uma esfera de atemporalidade. A temática do medo na narrativa literária percorre estruturas profundas da psique humana e encontra aí o estuário fundante de manifestações culturais. Gilbert Durand evoca a presença do medo nas manifestações humanas pelas imagens bestiais: “O animal é assim, de fato, o que agita, o que foge e que não podemos apanhar, mas é também o que devora, o que rói.”(DURAND, 2002, p. 90). Vários mitos são explicativos do medo, dentre eles, o mito de Perséfone é esclarecedor sobre a maneira como o homem se embate perante o desconhecido e o terrificante. Hilda Hilst (1930-2004) produziu textos líricos que se vinculam ao texto narrativo por recorrerem a narrativas míticas. Na obra *Do desejo* (2004), o canto III traz imagens bestiais que se imiscuem à revigoração do mundo subterrâneo, por Perséfone, como representação do medo: “De uma fome de afagos, tigres baços / Vêm se juntar a mim na noite oca. / E eu mesma estilhaçada prenehe de solidões / Tento voltar à luz que me foi dada”(HILST, 2004, p. 44). A metodologia que servirá de viés para a leitura do poema denomina-se análise mitocrítica, investigação dos mitos, imagens e símbolos que urgem do texto literário. A partir dessa leitura, objetivamos reconhecer, no mito de Perséfone e na bestialidade da imagem “tigres”, de que maneira o poema se torna representativo do medo.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst; Mito de Perséfone; Imaginário bestial; Representação do medo; Medo na literatura.

O medo se configura como um dos vários sentimentos que foram tematizados pelas narrativas míticas. Da tentativa de seu entendimento e de sua superação, diversas personagens míticas se tornaram emblemáticas de angústias e de terrores. O medo, como representação da atemorização do inconsciente, foi estudado na literatura e nas artes em geral. Acerca dessa temática, nos nortearmos pela postura teórica do crítico do imaginário Gilbert Durand, que associa animalidades terríveis aos símbolos nictomórficos, a partir do terror da noite: “a hora do fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terrificantes: é a hora em que os animais maléficos e os monstros infernais se apoderam dos corpos e das almas.”(DURAND, 2002, p. 91)

Perséfone é uma figura mítica representativa da condição humana perante o medo. Filha de Ceres, é raptada pelo tio, Hades, quem nela viu beleza e vigor. O rompimento prematuro com a mãe e as irmãs gera na rainha do mundo subterrâneo um defronte entre

¹ Mestra em Letras – Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (2009). Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia.

forças antitéticas, claro e escuro, superfície e interior, convivência familiar e individuação matrimonial.

Ambígua e polivalente, podemos considerar em Perséfone uma referência à duplicidade do inconsciente, que, por sua vez, é instaurado por forças antagônicas. Como solução ao sofrimento de Ceres, que puniu os homens de não terem seus grãos, outrora semeados, enfim, colhidos, eis que surge uma solução, um acordo entre a mãe e o marido: durante seis meses, Perséfone estará no mundo inferior, como Coré, os demais meses serão passados na companhia de Ceres e das irmãs.

Lembrando o esquema do mito, notamos em Perséfone a simbologia das estações do ano, do ciclo anual das colheitas, da virgindade e da pureza antagonizadas a uma feminilidade misteriosa. O intimismo e a individuação do feminino remontam à Perséfone, uma personagem mítica revisitada na contemporaneidade pela poesia, arte que traz consigo estruturas arquetípicas e desvela a essência do homem defronte medos, como tentativa de superação: “Costumes, parâmetros humanos, maneiras de encarar a vida, a morte e os deuses, são transmitidos de uma geração à outra por meio de uma memória coletiva estruturada por mitos e em forma poética.”(KRAUSZ, 2007, p. 17)

Pela aproximação temática que tencionamos ente o poema e o mito de Perséfone, é possível identificar a presença do medo porque essa deusa habita, ao lado de Hades, o mundo inferior dos mortos. Quando nos remetemos ao mundo subterrâneo, imagens arquetípicas perfazem essa esfera: mistério, terror, angústia, bestialidade e sofrimento. A morte, para os gregos, era inebriada de curiosidade e de temor. Por ser campo do desconhecido, a morte era eufemizada na tentativa de ser compreendida a partir de narrativas que dessem sentido à condição do homem como temporal e finito.

A simbólica do medo dessa angustiante condição humana dava-se pelas figuras míticas, as quais, narradas, de geração para geração, preenchem o imaginário grego de fundamentos exemplares da conduta humana perante a morte, a qual, mesmo sendo prenhe de mistério, tinha aspecto sagrado e figurado.

O barqueiro Caronte era quem transportava as almas para os infernos, já Hipnos e Tânatos eram dois deuses, irmãos gêmeos, representativos, respectivamente, da proximidade entre o sono e a morte. O bestial ficava a cargo do cão Cérbero, um cão de guarda, descrito com três cabeças, responsável por impedir a fuga de almas dos Infernos.

Nesse viés, a literatura, por seu aspecto imaginativo e criacional, traz na temática do medo a representação de arquétipos, os quais, conforme C. G. Jung, contemplam estruturas inconscientes do homem e se manifestam em diversas formas, como via de

consolidação das inquietudes humanas: “Também Jung assinalara que certas personagens mitológicas, determinadas configurações simbólicas, alguns emblemas, longe de serem o produto evemerista de uma circunstância histórica precisa, são espécies de universais imaginados – os arquétipos e as imagens arquetípicas.”(MELLO, 2002, p. 16)

A poesia, campo da inspiração e do defronte do eu com as inquietudes primeiras e ancestrais, repousa nas narrativas míticas o arcabouço criativo rumo à travessia da efemeridade. O medo, na poesia, assume o aspecto aterrorizante mediante imagens simbólicas do inconsciente coletivo que aludem o alcance de uma possibilidade de enfrentamento do tempo de finitude.

Hilda Hilst (1930-2004) perfez sua criatividade não somente na poesia, mas também no teatro e na ficção. Todos os gêneros por ela visitados trazem em si a veia lírica, como força de expressão de diálogo com os mitos legitimados pela cultura universal. A escritora representou em sua obra a inquietude do homem diante da transitoriedade de seu ser, bem como a energia propiciada pelo estender do homem diante do tempo, além do desejo do entendimento da origem dos fenômenos mais diversos, dentre eles, a inspiração poética como revelação do sagrado.

A escritora problematizou, sobretudo, a limitação do homem diante do tempo e da morte. Elementos prenhes de mistério e sustentados pela possibilidade do alcance do atemporal por meio da criatividade da escrita, ambos desvelam uma condição humana que se coloca, na literatura, como fonte de mistério e questionamento. Como um enigma a ser desvendado, o colocar-se diante do tempo e da morte situam o escritor em diálogo com estruturas profundas da psique, que é, por sua vez, também imbuída de mistério.

O medo, em Hilda Hilst, é simbolizado por imagens de bestialidade e seus esquemas de mordicância, caos e agitação, imagens que são latentes de mitos e que trazem consigo a pulsão erótica que confronta Cronos. Em sua obra poética *Do desejo* (2004), Hilda Hilst, na seção “Amavisse”, traz no canto III imagens bestiais que se vinculam ao medo pela alusão temática à rainha do mundo subterrâneo, Perséfone, bem como à representação da noite em consonância com o aspecto nictomórfico, terrificante:

III

De uma fome de afagos, tigres baços
Vêm se juntar a mim na noite oca.
E eu mesma estilhaçada, prenhe de solidões
Tento voltar à luz que me foi dada
E sobreponho as mãos nas veludosas patas.

De uma fome de sonhos
 Tento voltar àquelas geografias
 De um Fazedor de versos e sua estrada.
 Aliso os grandes dorsos
 Memorizo este ser que me sou

E sobre os fulcros dentes, ali
 É que passeio e deslizo a minha fome.

Então se aquietam de pura madrugada
 Meus tigres de ferrugem. As garras
 recolhidas Numa agonia de ser, tão indivisa
 Como se mesmo a morte os excluísse.

(HILST, 2004, p. 44)

Este poema trata o tema da metalinguagem, como a criação poética é um exercício árduo que envolve o poeta em uma atmosfera de mistério e procura esmerada pelas palavras. A inspiração, a luz do conhecimento, é um fazer solitário, mas a inspiração faz com que o eu lírico conjugue o sagrado por meio da expectativa de permanência no tempo. Nesse sentido, a essência anterior do poeta se vincula a uma realização conflituante, que hesita no jogo entre claro e escuro, ou seja, entre sabedoria, conhecimento e busca agonizante, em imagens que reiteram fome, agonia e garras.

A sonoridade do poema e sua estrutura envolvem o leitor em um contexto de claro e escuro por meio da repetição sonora das vogais “o”, uma vogal fechada e sugestiva de escuridão e “a”, uma vogal aberta que nos remete à claridade. Os primeiros versos das duas primeiras estrofes recriam essa atmosfera: “fome”, palavra repetida em ambos os versos e “sonhos” são palavras que se assimilam a “noite oca”, cuja repetição sonora de “o” demonstra o mistério e a ausência de claridade, em contraposição a “afagos” e “baços”, palavras representativas da inspiração poética, leve e esclarecedora. Já a estrutura dos versos das duas primeiras estrofes, cada uma com cinco versos, rememora o fazer poético cuidadoso, como um exercício do devotamento e da dedicação às palavras organizadas mediante esmero.

Os primeiros versos do poema retratam a rememoração de Perséfone, retomada como o eu lírico, na imagem nictomórfica e aterrorizante “noite oca”. No mito, Perséfone habita os subterrâneos, imbuído de mistério, profundidade e escuridão, mesmas assimilações que observamos nessa imagem. Já nesses versos, notamos a presença de imagens vívidas de bestialidade, em “tigres baços”, que repercutem no eu o fato de estar faminto de afagos, na imagem “fome de afagos”.

A cor dos tigres, “baços”, nos traz uma coloração embaçada, escura e sombria, a qual nos remete ao mundo subterrâneo, mais notadamente ao entorpecimento que esse mundo confere, ao espaço da lembrança e dos devaneios incertos, enquanto que a fome, no eu, urge como símbolo de solidão, carência e mordicância. O arquétipo devorador presente nesses versos nos lembra o teórico Gilbert Durand, na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*: “O animal é assim, de fato, o que agita, o que foge e que não podemos apanhar, mas é também o que devora, o que rói.”(DURAND, 2002, p. 90)

Ainda na primeira estrofe, o eu se descreve: “E eu mesma estilhaçada, preenhe de solidões”. Nesse verso, “solidões” remonta, dentre tantas angústias presentes na literatura, a angústia de Perséfone frente à ausência de Ceres e das irmãs, enquanto que a imagem “estilhaçada” simboliza a condição de quem possivelmente foi objeto de rapto. O eu se defronta ao conflito da ruptura, uma ruptura que não é aceita, é um clamor de tentativa de superação de uma memória de um outro tempo, como observamos no próximo verso: “Tento voltar à luz que me foi dada”.

A imagem “luz que me foi dada” é o espaço de lembrança do eu, uma lembrança que nos vincula ao convívio do eu com a mãe e as irmãs em um espaço antagônico ao espaço inferior. A “luz” foi retirada e há um desejo por assimilá-la: “Tento voltar”.

A busca por esse espaço, sua rememoração e seu desejo de retorno a uma lembrança é acalentado pela imagem: “veludas patas”, ainda que a imagem tigres nos remeta ao gesto de devorar, denotativo do “mal”, da escuridão, do sofrimento e do dilaceramento. Sobrepor as mãos às patas dos tigres, simbólicas, no poema, do acalentar propiciado pela inspiração poética, fortalece o eu e o transpõe a uma esfera de acolhimento e de superação diante dos terrores e da sensação de vazio da imagem “noite oca”, uma noite ausente do esclarecimento lírico.

Na segunda estrofe, o eu lírico canta sua memória: “De uma fome de sonhos / Tento voltar àquelas geografias / De um Fazedor de versos e sua estrada.” Esses versos inebriam o eu ao entorpecimento dos sonhos, a imagem “fome de sonhos”, que desencadeia o retorno das memórias e das lembranças fugidias pelo “Fazedor de versos”, o poeta, o aedo que experimentou a iluminação da criatividade lírica. Consideremos em “versos” a presença da palavra elevada ao status de arte poética como um complemento para a existência humana, uma esperança que reporta o homem à esfera do sagrado e que rompe com sua finitude.

As lembranças são representadas pela imagem “àquelas geografias”, as quais sugerem o espaço de familiaridade entre Perséfone, a mãe e as irmãs, um momento de

pureza e de rememoração juvenil. A metalinguagem, o fazer poético e a criatividade são representados por “Fazedor de versos e sua estrada.” O poeta, ao percorrer os caminhos da criatividade, se vincula a uma “estrada”, inebriada por incertezas e dúvidas, as quais são esclarecidas pelo exercício da linguagem artística, propiciado pela inspiração.

Tocar os “tigres baços” é um gesto tão sagrado e total que permite ao eu assimilar o dom da poesia. As “geografias”, no sétimo verso, além de se ligarem às memórias, resgatam o poder da palavra, do fazer lírico.

Conforme o mito, Perséfone transita entre os Infernos e a presença da mãe, Ceres. Esse trânsito possibilita uma leitura do mito, a qual Perséfone aguarda, nos Infernos, o retorno à mãe, sendo esse gesto de aguardar um exercício do lembrar. Acerca do resgate das memórias, analisemos no poema os versos: “Aliso os grandes dorsos / Memorizo esse ser que me sou”. Vejamos os verbos iniciais desses versos: “Aliso” e “Memorizo”. Esses verbos demonstram que o eu se assemelha, pelo toque, à essência dos tigres e tem neles a força para regressar a uma outra esfera, isenta do terror da “noite oca”, uma esfera de lembrança e de eternidade, como um entendimento de que a essência inspiradora dos “tigres baços” é necessária para a posteridade, para que o eu se lance rumo ao alcance da atemporalidade.

O fato de acariciar esses animais e se vincular à bestialidade dos mesmos aproxima o eu de um tempo total, o tempo da lembrança. Quando recupera o que é, sua essência ancestral, o eu tem nos “tigres baços” a possibilidade de uma libertação do terror e do mistério do mundo subterrâneo, uma liberdade conferida pela animalidade. A esse respeito, assim discorre Eliane Robert Moraes, na obra *O ser impossível*: “Sob a ótica selvagem, é o ser humano que figura na triste condição de prisioneiro – ‘há em cada homem um animal fechado numa prisão’ – privado da liberdade essencial dos animais.”(MORAES, 2002, p. 131)

Leiamos a terceira estrofe: “E sobre os fulcros dentes, ali / É que passeio e deslizo a minha fome.” Mesmo em uma terrificante “noite oca”, o eu repousa sua criatividade e aconchego nas imagens relativas aos “tigres baços”. A fome do eu é uma fome por unidade e companhia. O terror da “noite oca”, o fato do eu se caracterizar como “estilhaçada” e “prenhe de solidões”, nos versos iniciais, configuram um eu que se assimila à fragmentação do homem diante de sua finitude. Esse aspecto pode ser associado a Perséfone devido ao seu arrebatamento pelas forças do destino, quando a mesma se vinculou, eternamente, aos subterrâneos por ter se alimentado de sementes de romã.

Nesse sentido, os gestos de mordicância, no poema, mais notadamente nessa quarta estrofe, “fulcros dentes” e “fome”, realizam retomada latente do mito de Perséfone. O eu passeia e desliza sua fome diante da mordicância dos “tigres baços”, mas a bestialidade é aí envolvida pelo fazer poético, haja vista ser a fome do eu uma fome pelo fazer poético, um fazer que imiscui um duplo desejo, o da memória e dos versos. Acerca do desejo, Julia Kristeva assinala na obra *Histórias de amor*: “O sujeito existe por pertencer ao Outro, e é a partir desta posse simbólica, que o torna sujeito ao amor e à morte, que ele poderá construir objetos imaginários de desejo.”(KRISTEVA, 1988, p. 58)

A última estrofe é reveladora da quietude e do recolhimento vivificados pelos “tigres baços”: “Então se aquietam de pura madrugada / Meus tigres de ferrugem.” Os “tigres baços” partilham de uma unidade, uma intimidade acolhedora com o eu, pois foram, nesses versos, referendados pelo mesmo como “Meus tigres de ferrugem.”

A imagem “tigres de ferrugem” denota a memória e a ancestralidade desses tigres, como se eles fossem os guardiões da essência anterior da metalinguagem. Perante a isso, o mistério terrificante e assustador da imagem mordicante e bestial conferida aos tigres foi transformado, pelo viver da memória e da poesia, em “garras recolhidas”: “As garras recolhidas / Numa agonia de ser, tão indivisa”. Identificamos que “agonia de ser” nos aproxima do mitologema de Perséfone, ou seja, remete ao conflito e à incerteza similares à transitoriedade entre uma esfera e outra, as duas esferas ambivalentes na simbólica de Perséfone.

Detenhamo-nos, finalmente, no último verso: “Como se mesmo a morte os excluísse.” O mundo subterrâneo, o terror da morte, retira dali os “tigres baços”. Eles são escudos protetores da vida e do mundo além do subterrâneo, são tão plenos de vida que a morte não os retém. Diferentemente das figuras sombrias, os “tigres baços”, mesmo escuros e incertos, reportam o eu a uma outra esfera, distinta da temporalidade, a esfera da memória. Não são tigres representativos de terror, nem de medo, mas eis aqui uma imagem que acalenta e acolhe a criatividade interior do eu lírico.

A imagem “fome de afagos”, cantada no primeiro verso, se configura, portanto, como a fome pela companhia, pelo desejo de superação de uma finitude, o terror dos mundos subterrâneos. Mesmo rainha dos Infernos, Perséfone transita entre a esfera sombria, do poder, do medo e das incertezas e a esfera sublime, da pureza e da claridade, identificada por nós como sendo a esfera do conhecimento.

Essa ambivalência verificada em Perséfone tem, no poema, o escudo da bestialidade dos “tigres baços”, os quais repousam, na presença do eu, como

companheiros para o exercício da metalinguagem poética, o ser “Fazedor de versos”. O reviver da memória, bem como a percepção da criatividade, sob a proteção dos “tigres baços”, conferem ao eu o assilar da poesia e da libertação, mesmo diante de um espaço sombrio e aterrorizante, o submundo de Hades.

Pela leitura do canto III da seção “Amavisse”, reconhecemos no fazer poético um gesto que eterniza o homem perante o tempo, tornando-o estável e o dirimindo a um estuário sagrado, logo atemporal e total. A metalinguagem, sendo assim, se define como um alicerce protetor de temporalidades na imagem “tigres baços”. O fazer poético, nesse rumo, é uma arte que perpassa pelos limites da imaginação, do simbólico e do sagrado.

Identificamos nas imagens bestiais e nas figurações do medo um exercício, no canto III, de uma subjetividade que se confluí na condição humana perante o tempo e suas vicissitudes, repousando em um processo inacabado, que formula possibilidades, que conjuga memória, criação e inspiração, as quais se desdobram e se ressignificam no entrecruzar do saber ancestral que permeia a arte. Portanto, o bestial é a imagética da intimidade do partilhar da linguagem como força lírica, e o espaço de temor, escuridão, mistério e angústia foram sublevados à revelação do eu, “Fazedor de versos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HILST, Hilda. *Do desejo*. Org. Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2004.
- KRAUSZ, Luis S. *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Edusp, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Histórias de amor*. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002.